



Simpósio Brasileiro de Qualidade do  
Projeto no Ambiente Construído

## MESA REDONDA AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO: EXPERIÊNCIAS REGIONAIS

### REGIÕES E INTERFACES DE CONHECIMENTO: A EXPERIÊNCIA DO GRUPO ProLUGAR

*Paulo Afonso Rheingantz*

#### INTRODUÇÃO

Quando Tulio e Nirce me convidaram para participar desta mesa redonda sobre APO: EXPERIÊNCIAS REGIONAIS, a primeira reação foi de recusar, pois por opção não tenho acompanhado a discussão sobre APO no Brasil. Vou tentar explicar porquê.

**[FATO N. 1]** Em 2001, com Vicente del Rio e Cristiane Rose Duarte, propus uma quarta categoria – **Fatores Culturais ou de Interação** – para a APO, que não teve grande receptividade.

**[FATO N. 2]** No NUTAU de 2004, divulguei os fundamentos de uma abordagem que foi sendo construída ao longo de meus estudos de APO, primeiro fruto da parceria com a Profa. E Psicóloga Rosa Pedro: **Abordagem Experiencial da APO**, resultado da leitura do livro **A Mente Incorporada**, escrito por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch (2003), como uma alternativa para me desvencilhar das fortes e restritivas amarras behavioristas dominante. Basicamente o artigo **De Corpo Presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído** (RHEINGANTZ 2004) questionava o que considerava (e ainda considero, diga-se de passagem) a excessiva atenção dispensada aos aspectos operacionais e instrumentais – e na sua eficiência intrínseca – em detrimento da reflexão sobre a própria experiência da reflexão vivenciada pelo observador em sua experiência de observar. A linguagem era um tanto provocativa – estilo que escolhi deliberadamente para ver se conseguia fazer alguma marola no campo da APO. Como resultado, a proposta também não teve grande receptividade.

Diante do silêncio reinante e cansado com a indiferença que alimenta o sonho de muitos pesquisadores querendo 'fazer ciência' que, segundo Vinciane Despret (2011), torna o processo desinteressante, resolvi seguir os passos de Gregori Bateson:

Em minha vida, coloquei as descrições de pedras, paus e bolas numa caixa ... e as deixei ali. Na outra caixa coloquei coisas vivas: caranguejos, pessoas, problemas sobre o belo ... (in CAPRA 1991)

**[FATO N. 3]** Então fui cuidar das coisas que realmente me interessavam; questões relacionadas com o **DOMÍNIO DE VALIDADE** de Humberto Maturana (2001: 49-50):

"todo argumento é universal no domínio em que tem validade. Todo argumento especifica seu domínio de validade e, portanto, o universo no que é válido sempre."

Devo muito de minha sobrevivência acadêmica ao pensamento de Humberto Maturana:

- "o meio muda de maneira contingente com as interações com o organismo, e aquilo ao qual o observador irá se referir vai depender de onde esteja seu olhar" (MATURANA 2001: 82);
- "o gostar ou não gostar é um ato responsável meu" (MATURANA 2001: 102);
- "os olhares são geradores de cegueira: nós olhamos em uma direção e não vemos um lado nem o outro" (MATURANA 2001: 106);
- "**pertencemos a uma cultura que desvaloriza as emoções**" (MATURANA 106).

Por entender que FRONTEIRAS são sempre convenções arbitrárias – sou um gaúcho que escolheu viver no Rio de Janeiro – e que estava muito afastado das fronteiras dos estudos sobre APO, não me sentia confortável para debater "**EXPERIÊNCIAS REGIONAIS com a APO**" em seu significado mais comum. Mas a partir de uma troca de mensagens com Nirce, me interessei pela possibilidade de explorar os rebatimentos do "REGIONAL" para explicar o que chamo de FRONTEIRAS DO CONHECIMENTO.

**[FATO N. 4]** Juntos mergulhamos no campo dos Estudos Ciência-Tecnologia-Sociedade (CTS) e na Teoria Ator-Rede (TAR)

**Annemarie Mol e John Law** produzem uma reflexão crítica esclarecedora sobre a '**universalidade**' dos '**fatos científicos**'

Uma vez estabelecido em um determinado lugar, sua validade deveria transportar-se para qualquer lugar, sem custo e sem esforço (LAW; MOL 2000).

Ao se tornarem 'universais' os lugares onde o conhecimento era produzido ou aplicado deixaram de ter importância. A crença na universalidade eliminou da ciência as perguntas '*onde*' – *onde* foi produzido este conhecimento? *onde* ele foi aplicado? – foram abandonadas em favor de um 'universal transcendente' (LAW; MOL 2000). Por princípio, os elementos constituintes da 'realidade' eram estáveis, determinados e permanentes, podendo ser descobertos por meio de "investigação científica adequada" (MOL 2008).

Mas na tecnologia e na política continuou-se admitindo que a 'realidade' não seria inteiramente imutável. Como **MODELAR A 'REALIDADE'** seguia uma questão em aberto (MOL 2008), Ciência de um lado e tecnologia e política do outro, seguiam caminhos distintos. A volta da ciência para a Terra, seu realinhamento com a tecnologia e com a política se iniciou no final dos anos 1970 com os estudos de ciência-tecnologia-sociedade (CTS).

Esses estudos falaram de um 'terceiro mundo' além da prática: dos lugares onde habitam as ideias científicas (LAW, MOL 2000) . Em lugar de falar *sobre o laboratório* foram falar *dos laboratórios no plural* (LAW, MOL 2000) e produziram histórias etnográficas sobre *como* a ciência era praticada.

Isso mudou a atenção dos estudiosos das exigências necessárias da teoria para as texturas dos aspectos práticos de laboratório. Rotulagem, marcação, repetição, limpeza, numeração, observação, interpretação: vieram a ser conhecidas como as atividades que compõem a *ciência em ação*. E foi assim que o *lugar* começou a aparecer sistematicamente nos escritos sobre a ciência. Lugar apareceu em reação à ideia de que a ciência não é localizável como método científico, teoria, ou como descobertas universais. ... as descobertas e as teorias científicas eram feitas em locais específicos. Elas eram sempre produzidas em algum lugar. Em uma localidade. Eles eram regionais, não universais. Mas é claro que não foi tão simples assim. Porque os fatos científicos também viajam entre as regiões. (LAW, MOL 2000: 2)

Segundo LAW e MOL, a mobilidade dos fatos científicos e das teorias foi entendida como um fenômeno global e os estudiosos dos CTS se ocuparam com novas questões:

- Como eles se movem? Onde? Em que tipo de espaço? (LAW, MOL 2000)
- Como e quais são as diversas formas com que o corpo dos cientistas é envolvido naquilo que faz? (LATOUR 2008)
- Quais são as relações entre ontologia, política e a noção de performance na produção de um conhecimento instável e plural ? (MOL 2008)

Ao reunir ciência e natureza os estudiosos dos CTS

- provocam uma mudança na compreensão e na produção das ciências agora no plural; evidenciam que a prática da ciência requeria uma quantidade enorme de **manipulação de artefatos** laboriosa, meticulosa e rotineira,
- fazem desaparecer o glamour e a deferência à Ciência. A epistemologia normativa dá lugar ao realismo etnográfico.

A reflexão sobre o conhecimento e as espacialidades situadas se alinha com Donna Haraway:

a única maneira de encontrar uma visão mais extensa é estar em algum lugar em particular. Este lugar em particular, de onde o narrador opera sua seleção e exerce sua parcialidade, constitui o que ela caracteriza como o privilégio do ‘conhecimento situado’, deixando claro que há um corpo que busca conhecer e que, portanto, este conhecimento origina-se neste corpo em particular (HARAWAY apud CUKIERMAN 2007)

**[FATO N. 5]** Inspirado nas reflexões de Law e Mol (2000) e Haraway (in CUKIERMAN 2007), em 2015 escrevi o artigo **Espacialidades**, publicado no **Arquitextos/Vitruvius**, que me fez vislumbrar novos horizontes a serem explorados para aprofundar meus esforços para formular os princípios da APO com Abordagem Sociotécnica.

**[FATO N. 6]** Por ser gaúcho e ter trabalhado no Amapá (1976-1977), brinco que sou um **arquiteto de fronteiras** – que, em seu duplo sentido, também servem para delimitar o *lugar* ou o *laboratório* onde trabalho – **ProLUGAR** – ou para explorar as *interfaces* ou ‘*espaços-entre*’ entre os CTS, a TAR e a APO.

Aqui acompanho a reflexão de Michel Serres sobre a relação entre diferentes saberes e seu questionamento do uso da palavra ‘interface’ pelos cientistas e sua suposição de que a junção entre duas ciências, dois conceitos ou duas visões diferentes não apresenta problemas e possa vir a ser perfeitamente dominada ou anulada. Contrariando esse entendimento, Serres observa

que esses espaços entre são mais complicados do que se pensa; é por isso que os comparei, em Passage Du Nord-Ouest, a margens, ilhas e partes de bancos fractais. Entre as ciências duras e as chamadas ciências humanas a passagem se assemelha a uma margem dentada, cheia de gelo e variável: você já viu o mapa do norte do Canadá? (...) Antes fractal do que realmente simples. Menos uma junção dominada do que uma aventura a se correr (SERRES 1999: 94-95).

Em nossa parceria com o grupo de Rosa Pedro, temos explorado

- os interfaceamentos que precisam ser feitos e refeitos a cada encontro (SERRES 1999),
- a ideia de que edifícios, ruas e lugares em ação são *inferfaces* que se produzem a partir das ações envolvendo humanos, AC e natureza;
- os efeitos do encontro CTS-TAR e APO que se produzem nas interfaces entre humanos, AC e natureza;

E foi assim que propus falar sobre o **LUGAR DA MINHA EXPERIÊNCIA – o grupo de pesquisa Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR)**; mais especificamente, sobre as seleções e parcialidades de minha experiência particular.

Falar de um CONHECIMENTO QUE É SITUADO E PARTICULAR e de seus interfaceamentos que se produzem em nosso viver cotidiano das nossas atividades de pesquisa; falar um pouco sobre **COMO TENHO PRODUZIDO CONHECIMENTO EXPLORANDO OS ESPAÇOS ENTRE CTS, TAR e APO.**

## **RELATO DE UMA HISTÓRIA/EXPERIÊNCIA NO GRUPO ProLUGAR**

A história do Grupo ProLUGAR nos territórios da APO se confunde com a minha própria história na pós-graduação e na pesquisa e remonta a 1993, quando iniciei a pesquisa de campo para o mestrado. Por sugestão de Vicente del Rio, procurei Wolfgang Preiser e Sheila Ornstein e, com base nos seus livros (**Preiser, White, Rabinowics 1988; Ornstein 1992**) fiz uma APO com ênfase em Conforto Ambiental do Edifício RB1. Até então nunca tinha ouvido falar em APO.

A dissertação resultou em três consultorias realizadas em parceria com a COPPE/UFRJ, onde fazia meu doutorado (1996-2000): a primeira no Edifício RB1 (1996), a segunda no Edifício-Sede do BNDES (1997) e a terceira, no Edifício-sede do INPI (2000).

Em paralelo, a pedido de Vicente, acompanhei Preiser em sua visita/Palestra na FAU e no PROARQ. Também participei de outras três workshops: APO da Clínica São Vicente, coordenada por Sheila e Vicente; APO do Cap UFRJ e APO da Creche UFF, ambos coordenados por Henry Sanoff.

Em 2000 durante o **Seminário Psicologia e Projeto do Ambiente Construído** (PROARQ/IP-UFRJ 2000), conheci Robert Sommer, Denise Jodelet, Lineu Castello, Gleice Elali e outros pesquisadores que se dedicavam ao estudo das relações pessoa-ambiente.

Neste mesmo ano, em parceria com Giselle Azevedo, criei o **Grupo de Pesquisas sobre APO**. Contrariando a opinião de Vicente del Rio e Cristiane Rose Duarte – que entendiam que um grupo de pesquisa deveria se restringir a um pesquisador e seus orientados – o Grupo reunia diversos pesquisadores sênior, colegas de doutorado e estudantes de mestrado e doutorado de outros programas de pós-graduação. Dizia que o grupo era, na verdade, uma Holding.

Durante a fase inicial de minha trajetória como pesquisador, meus principais interlocutores eram Vicente del Rio e Sheila Ornstein juntamente com suas orientandas, Gleice Elali, Claudia Loureiro, Nirce Medvedovski e Claudia Andrade.

Durante as pesquisas de campo da dissertação (1993-1995) e das consultorias (1996-2000), sempre me deparei com dificuldades para aplicar instrumentos – questionários, entrevistas estruturadas e

check-lists – previamente elaborados. Sempre surgiam fatos e situações não previstas e de difícil enquadramento nas três categorias de Fatores – Funcionais, Técnicos e Comportamentais.

Foi então que junto com Vicente e Cristiane, alinhavamos a proposta de uma quarta categoria de fatores – que denominamos **FATORES CULTURAIS**, apesar de minha preferência por **FATORES DE INTERAÇÃO**. Sendo ainda um doutorando, achei prudente acatar a sugestão de colegas mais graduados e familiarizados com a pesquisa.

Fundamentados em Geertz, Rapoport, Sommer, Lynch, Tuan, del Rio e no pressuposto de que **arquitetura é um fechamento cultural que não se resume às questões físico-sociais**, formalizados a ideia em um resumo para a EDRA 33 (2001). Nele, propomos o reconhecimento da cultura – e da subjetividade de seus valores – como um conjunto de sistemas simbólicos definidores de grupos socioculturais que se reconhecem como membros de uma identidade única; que dividem uma mesma visão de mundo; que compreendem e se articulam através de lógicas próprias de comportamentos, expectativas e crenças; que a cultura moldou biologicamente o Homem, não o inverso (interpretação etnográfica). Também sugerimos que uma análise das dialéticas envolvendo espaço e cultura possibilitaria reconhecer a retroatividade das relações pessoa-ambiente: à medida em um determinado grupo humano se adapta ao meio urbano, molda seus espaços que, por sua vez, também provocam alterações nas lógicas relacionais desse grupo.

Argumentamos que,

- entendido como um artefato cultural, o AC possibilitaria incluir na APO a contextualização dos edifícios na cidade e na sociedade, reconhecer e valorizar seus significados, sua estética, seu papel social, etc.; que visão de mundo, noção de pertencimento ao lugar, agradabilidade, imageabilidade, comportamento humano frente às condições ambientais e, até mesmo, as posturas corporais, são fortemente influenciados pela herança cultural dos habitantes de um determinado lugar; que as pessoas e o ambiente construído são, ao mesmo tempo, produtores e produto da cultura;
- agindo diretamente na relação entre determinados grupos socioculturais e o ambiente construído, a etnografia confere um sentido transformador à compreensão do significado de observações que, normalmente, escapam ao olhar “técnico” ou “neutro” e possibilita reconhecer as transformações significantes produzidas nas relações entre os grupos humanos e o ambiente construído, seus aspectos cognitivos, seus valores declarados e reais

- que influenciam e são influenciados pelo uso e pela operação dos edifícios. cultura, avaliação pós-ocupação, ambiente construído.

Mas a proposta dos Fatores Culturais não foi bem aceita ou entendida. Mesmo sem receber críticas diretamente, a resistência se deveu ao entendimento de que os Fatores Comportamentais já davam conta dessas questões, portanto, não fazia sentido propor uma quarta categoria.

Com a conclusão do doutorado (2000) e a mudança de Vicente del Rio para a Califórnia (2001), segui com as pesquisas e orientações de dissertações sobre APO de edifícios de escritório sempre mantendo contato com Sheila Ornstein, com Claudia Andrade e Gleice Elali.

Mas em 2003, meio intermédio de minha orientanda, Monique Abrantes, conheci **Rosa Pedro**, convidada para sua banca de qualificação. E foi assim que iniciamos uma parceria que foi determinante na proposição da Abordagem Experiencial da APO (2004) e nos seus desdobramentos, relacionados com a exploração dos interfaceamentos que se produzem a partir das associações CTS-TAR-APO.

A Abordagem Experiencial foi inspirada no pensamento de Humberto Maturana (2001) que mencionei anteriormente, e no livro **A Mente Incorporada** (VARELA, THOMPSON, ROSCH 2003), especialmente a recomendação de que os ocidentais deveriam reaprender com os budistas a **prática da atenção**; superar a separação mente-corpo-ambiente, por eles consideradas indissociáveis – o que justifica o 'incorporada' do título.

Por essa época, já me incomodava com as **evidências de um 'acomodamento' ou 'estabilização' com relação à reflexão teórica e da simples replicação de métodos e instrumentos** associada à excessiva confiança nos resultados que se produziam a partir de sua aplicação.

Na medida em que me aprofundava nos CTS/TAR e nos trabalhos de campo com a Abordagem Experiencial, menos me interessava por ler ou conhecer os trabalhos de APO que estavam sendo publicados. Na minha visão não havia espaço para discutir as dificuldades, as formas de contratação, os propósitos das APO, ou as nossas práticas de manipulação da realidade – também naturalizada sob a lógica da 'universalidade' do olhar dos especialistas – desconsiderando a existência de múltiplas realidades especialmente se considerarmos que o Brasil é um país multicultural e de dimensões continentais, com suas diferenças climáticas. Também me causava (e ainda causa) desconforto a prática de comparar resultados de diferentes APO com base no argumento de que se utilizavam dos mesmos fundamentos e instrumentos – generalizações perigosas e impossíveis entre

contextos diferentes; ou ainda a falta de discussão sobre o humor e a atenção dedicada pelos 'usuários' e os reflexos nas suas respostas.

Apesar de a maioria dos instrumentos serem preparados previamente com base nos interesses dos especialistas, a APO seguia (e ainda segue) sendo anunciada como uma metodologia multidisciplinar e multimétodos baseada na opinião dos 'usuários'.

Em decorrência da proposição da Abordagem Experiencial, resolvi seguir a recomendação de Varela, Thompson e Rosch (2003): em 2005 comecei a frequentar o **Centro Nyingma de Budismo Tibetano** e a praticar sua milenar prática do **Kum-Nye**. Lá aprendi que quando estamos mais relaxados, nossa mente se torna menos reativa e mais silenciosamente atenta (TULKU 1997); que melhoramos nossa capacidade de perceber o que acontece em nosso interior e no exterior.

Lá também aprendi um dos mais importantes ensinamentos de **Tarhang Tulku** (1997): que os

"conceitos que empregamos para interpretar nossa experiência podem ser rígidos ou limitados demais para expressar a natureza dinâmica dos sentidos, do corpo e da mente. Através de uma observação direta das nossas próprias reações à tensão, e de uma experimentação com novos meios de desfazê-la, poderemos ... produzir *insights* valiosos sobre a relação íntima que há entre o corpo e a mente (TULKU 1997: 228-229).

Conhecimentos que foram determinantes para a passagem da Abordagem Experiencial para a Abordagem Sociotécnica. E foi então que, motivados

- pelo desejo de divulgar essas descobertas;
- pelos resultados animadores da simples mudança de postura na aplicação dos instrumentos em nossas APO e na análise dos resultados e descobertas;
- pelas sucessivas renovações de minha bolsa de produtividade/CNPq (desde 2003); e
- pela parceria com Giselle Azevedo, Alice Brasileiro, Denise Alcantara e Monica Queiroz,

resolvemos publicar um livro de cunho didático – **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação** (RHEINGANTZ et al 2009).

Conforme dito na **Apresentação**, animados os resultados da **releitura que estávamos fazendo de um conjunto de oito instrumentos e ferramentas que costumávamos utilizar em nossas APO – *walkthrough*, mapa comportamental, poema dos desejos, mapeamento visual, mapa mental, seleção visual, entrevista e questionário, além da matriz de descobertas e observação incorporada, ambos produzidos no ProLUGAR** – resolvemos submeter os originais à chancela do CNPq via **Projeto Livro Eletrônico**. Considerando que o livro reunia os resultados de pesquisas



financiadas pelo CNPq, especialmente os fundamentos e práticas da Abordagem Experiencial, pensamos que este seria o caminho lógico e natural a seguir.

Na **Abordagem Experiencial** (AE) a percepção é entendida como um conjunto de “ações perceptivamente guiadas” (VARELA 1992: 22) centradas na experiência vivenciada por um observador em um ambiente em uso que muda de significado conforme mudam as circunstâncias.

Na **Abordagem Experiencial** somos nós, observadores, o ponto de partida e o ponto central da reflexão (MATURANA 2001: 27). Nós observadores nos transformamos nos **protagonistas das experiências que são produzidas no decorrer de nossas interações com o ambiente e com seus ocupantes**; interações que devem ser explicadas com base na subjetividade – aqui entendida como efeito das conexões de uma rede (GUATTARI apud CASTRO 2008). Nossa **atenção ou percepção consciente** (Vygotsky) se volta, principalmente, para entender as razões, nuances e significados das experiências vivenciadas no cotidiano dos ambientes.

Seu desdobramento prático, a **OBSERVAÇÃO INCORPORADA**, pode ser descrito como uma atividade “ao mesmo tempo processo e produto, instrumento-e-resultado” (NEWMAN; HOLZMAN 2002: 79) ou, conforme Humberto Maturana (2001: 34), “a existência depende do observador”.

Mas à medida que fomos nos aprofundando nos estudos sobre os CTS e a TAR e entendendo a importância de eliminar ou reduzir as assimetrias que se produziam ao supervalorizar a opinião e a observação do pesquisador em detrimento de outros (múltiplos) relatos, fomos entendendo a necessidade de relativizar a importância do relato da experiência do observador, colocando lado a lado, misturando outras narrativas sem renunciar à exploração de todas as versões emergem de diferentes atores, sejam eles humanos ou não-humanos.

E a partir dos fundamentos dos CTS e da TAR, a abordagem experiencial foi incorporando:

- uma visão crítica não dualista, somativa e uma postura aberta e atenta ao ambiente ou “coletivo” (LATOURETTE 2001) composto de homens, coisas e técnicas;
- o caráter indissociável e interdependente das relações pessoa-ambiente;
- o reconhecimento da impossibilidade de representação de um ambiente independente e pré-existente; de “uma mente lá dentro” observar “um mundo lá fora” (LATOURETTE 2001: 338);
- o entendimento da inadequação do distanciamento crítico e sua pretensa neutralidade.

Mantendo ainda alguns fundamentos da cognição atuacionista,

- a cognição não é formada por representações, mas por ações incorporadas; o conhecimento é sempre um saber-fazer modelado sobre as bases do concreto (VARELA 1992);
- que não é possível ter acesso a uma realidade independente do observador, uma vez que ela não é algo pré-determinado, estático e imutável, mas o resultado de uma explicação que também não é independente do observador;
- que a “realidade é uma proposição explicativa” (MATURANA 2001: 37), com a ressalva de que o explicar não pode ser confundido com a experiência que se quer explicar; que toda explicação é sempre uma *tradução* – termo mais adequado para caracterizar a negociação ou a comunicação entre o observador e o usuário – que, por sua vez, pressupõe a possibilidade dela vir a ser recusada, negociada ou até mesmo ser novamente traduzida.

Para nossa surpresa, o CNPq negou a chancela de uma pesquisa financiada por ele próprio, com base no parecer de um consultor 'ad hoc' que transcrevo a seguir, pois penso que ele é fundamental para a sequência da minha fala:

"A APO encontra-se consolidada no país, desde a década de 80 e no exterior, pelo menos desde a década de 70 do século 20, tendo as suas bases conceitual e teórica origem na Psicologia Ambiental (Relações Ambiente-Comportamento ou RACs) sendo que os instrumentos e **as ferramentas adotados pelos especialistas e aplicados nos usuários do ambiente construído e demonstrados por Rheingantz e co-autores, já são conhecidos e reconhecidos pelos pesquisadores do país e do exterior, de longa data.** Autores como Bechtekl, Sanoff, Zeisel e Preiser utilizam – conforme os próprios autores de Observando a Qualidade do Lugar evidenciam – utilizam e divulgam tais procedimentos há várias décadas. Especialmente Sanoff, desenvolveu e disseminou para vários países – com ênfase no estudo de caso ambiente escolar, o uso do mapeamento visual, do poema dos desejos, da seleção visual e assim por diante. Preiser, Bechtel e Zeisel, dentre outros, discutiram amplamente as entrevistas, os grupos focais e os questionários.

No Brasil, ocorreram adaptações, evoluções e contribuições para estes instrumentos pré-existentes.

A meu ver, **não é possível dar uma nova "roupagem" teórica a APO, minimizando a importância da influência da Psicologia Ambiental sobre os instrumentos e as ferramentas par o levantamento de campo e maximizando a Observação Incorporada.** Ao contrário, esta sim deve ser relativizada e apontada como um dos aspectos do levantamento de campo, com consequências nas análises e nos diagnósticos a serem considerados. **Em outras palavras, não é possível destacar na introdução do livro que os instrumentos e as ferramentas – aliás muito bem descritas – constantes no livro, tiveram fundamentação na observação incorporada ou que deveria ter, já que os procedimentos são previamente existentes e tiveram outra origem.** Ao contrário, uma obra com este perfil, poderia realizar uma revisão bibliográfica (do exterior e no país) e dos grupos de pesquisa mais atuantes na área em escolas

de arquitetura (Por exemplo, UNICAMP, UFRN, UFSC, UFRGS, além da própria UFRJ, dentre outras), as tendências em termos teóricos e de estudos de caso, abordando o tema da Observação Incorporada como vinculado às atividades do ProLUGAR/FAU/UFRJ.

Diante do exposto, consideramos que a obra poderá ser aceita após revisão incorporando as considerações mencionadas no parecer ad hoc. (Of. PR. N<sup>o</sup>. 247/09 CNPq

Uma leitura mais atenta da **Apresentação** do livro contradiz o parecer, ao reforçar que se trata de uma publicação

**... de cunho didático contendo a revisão de um conjunto de oito instrumentos e ferramentas de avaliação consagrados – walkthrough, mapa comportamental, poema dos desejos, mapeamento visual, mapa mental, seleção visual, entrevista e questionário – complementados por outros dois, produzidos pelos pesquisadores envolvidos com a avaliação pós-ocupação (APO) do grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR) do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ: a matriz de descobertas e a observação incorporada. Além dos instrumentos e ferramentas, o livro apresenta os fundamentos da Abordagem Experiencial ...**

Além da inconsistência dos argumentos do parecer, aqui vemos algumas práticas frequentes nas avaliações cegas, que tem a ver com

- questões de poder e autoridade,
- os interesses e com a ética – brinco que "**a ética é uma questão de ótica**";
- a 'naturalização' da universalidade das crenças dos pareceristas, que passam a ser as únicas verdades válidas.

Aqui chegamos a **REGIÕES DE DENSA NEBULOSIDADE:**

- para navegar em suas águas é preciso cuidado para não bater nos recifes e corais escondidos;
- para não atolar nos mistérios de seus **TERRITÓRIOS PANTANOSOS;**
- estas **REGIÕES** não costumam ser tratadas nas nossas práticas e discursos.

Telefonei para o Diretor do CNPq responsável pelo Programa, que me informou a impossibilidade de desconsiderar o parecer ad hoc. E foi então que sugeri que, por coerência, o CNPq deveria cancelar minha bolsa, uma vez ela se limitava a propor uma "nova roupagem" que maximizava a Observação Incorporada que, na opinião do ad hoc, deveria ser relativizada em favor dos saberes já consolidados dos estudos das Relações Ambiente-Comportamento (RACs).

Ao desconsiderar os fundamentos da Abordagem Experiencial e a contribuição do livro – que não tem a ver com a autoria ou originalidade dos instrumentos, mas com uma mudança radical de

postura por parte dos pesquisadores – o parecer dá a entender que, em lugar da releitura proposta, os instrumentos apresentados – cuja autoria é explicitamente reconhecida – devem ser aplicados conforme sua concepção original. Aqui o parecer reforça a crítica sobre a supervalorização dos instrumentos e dos resultados em si, que relegam os especialistas a uma simples condição de replicadores de instrumentos "prontos e acabados".

O parecer também evidencia descaso com o trabalho contínuo e incessante de revisão, releitura e atualização dos fundamentos, conceitos, instrumentos e critérios de análise e de interpretação dos resultados, que possibilitam incorporar a contribuição dos estudos e descobertas recentes no campo das ciências da cognição.

Diante da negativa do CNPq, o livro foi editado em pdf com o selo PROARQ/UFRJ e disponibilizado gratuitamente nas páginas dos grupos ProLUGAR, GAE e no portal Research Gate.

E mais uma vez, em lugar de um embate, escolhi seguir a sabedoria budista e seguir explorando as INTERFACES ENTRE OS CTS, A TAR E A APO, atividade bem mais interessante e produtiva.

Para concluir minha fala, trago a contribuição de duas filósofas do conhecimento belgas, Isabelle Stengers (2002) e Vinciane Despret (2011).

Em **OS DISPOSITIVOS EXPERIMENTAIS** (DESPRET 2011) discute o que chama de "o pesadelo dos psicólogos": a influência do pesquisador como viés para a pesquisa a partir de duas séries de pesquisa realizadas nos anos 1960 por Martin Horne com a hipnose e de Robert Rosenthal com os "ratinhos de Berkeley", quando concebeu um dispositivo destinado a mostrar o grau de influência das expectativas do experimentador no comportamento daqueles que ele interroga.

Aborda questões que estão presentes nas APO, mas que não são discutidas, tais como o **efeito parasita** nas pesquisas – decorrente dos efeitos da influência do pesquisador – ou a **complacência dos sujeitos experimentais** – que é um efeito do dispositivo experimental ocupado em inibi-la – relacionadas com o problema das expectativas levantado por Ian Hacking:

- "os sujeitos se tornam aquilo que é esperado deles e se conformam à teoria ou à hipótese que é produzida a seu respeito" (in DESPRET 2011: 45);
- a condescendência dos sujeitos ... não é uma qualidade inerente aos sujeitos, é um puro produto dos dispositivos" (DESPRET 2011: 45);

Segundo Despret,

- até os ratos modificam suas reações em função das emoções e afeto manifestadas pelos

pesquisadores;

- expectativas, afetividade, interesse dos pesquisadores/respondentes influenciam resultados;
- a questão de como o efeito da autoridade impregna a atuação do cientista – vide parecer que desqualifica a originalidade da principal contribuição do conteúdo do livro;
- a possibilidade de construção de um “pacto de dupla ignorância” leva os respondentes a, “pelo bem da ciência” fingirem ignorar fatos que compreenderam, que se tentou esconder deles; para não decepcionar os pesquisadores, fazem aquilo que pensam que deles seria esperado;
- discute os limites das práticas experimentais – como APO – que implicam interrogar indivíduos dotados de intenção, animados pela questão “o que ele quer de mim?”, que não cessam de interpretar as proposições que lhes são feitas: os saberes dela derivados, as alterações propostas tomam o seu significado e valor no interior de um dispositivo, elas estão ligadas às condições de sua emergência, o que torna mais complicado o processo de generalização e reduz o seu alcance;
- essas questões pertencem às ciências da contemporaneidade, nas quais os seres jamais são indiferentes às questões que lhes são colocadas, às teorias que as guiam e às produções de existência que essas teorias suscitam;
- o produtor confiável da experiência emocional não é o corpo: é a ideia que o sujeito faz dele;
- a distinção entre objeto e causa da emoção retomada por filósofa Amélie Rorty (1980): a causa da emoção não implica a passividade do sujeito, ao contrário, sugere a necessidade de entender a “disposição” ou reação ou reatividade, como o mau humor;
- como ensinou James, as emoções são disposições que cultivamos, não simples reações;
- Ter um corpo é aprender a ser afetado; a emoção não é somente aquilo que é sentido, é aquilo que faz sentir; a relação pela qual o sujeito produz emoção é marcada pela indeterminação: ao mesmo tempo em que produz a emoção o sujeito se deixa produzir por ela.
- A emoção não é somente aquilo que nos faz acolher o mundo, é também a maneira como solicitamos ao mundo nos acolher, pedindo-lhe mesmo, às vezes, de nos dar um coração.

E como conclusão, um texto seminal de Isabelle Stengers no livro **A Invenção das Ciências Modernas** (2002) que, de certa forma, resume as principais questões que, no meu ponto de vista, precisam ser incorporadas nas práticas cotidianas dos estudiosos e praticantes da APO:

"Aquele que ... mantém o papel habitual de sujeito, que toma a iniciativa de pôr questões às quais aqueles com os quais ele lida deverão, de uma maneira ou outra, responder, pode, em nome da ciência, "fazer existir" os carrascos que ele acreditava estar apenas "revelando". O

novo teste, ao qual o "sujeito" é submetido, consiste em lidar com seres suscetíveis de obedecê-lo, de procurar satisfazê-lo, de aceitar, em nome da ciência, responder a questões sem interesse como se elas fossem pertinentes, e mesmo deixar-se persuadir de que elas realmente o são, visto que o cientista "sabe melhor"; em todo caso, com seres que *nenhum expediente pode tornar indiferentes ao fato de que são interrogados*. O ser interrogado, posto a serviço do saber, não se deixa questionar sem que, incontroladamente, a questão científica tome igualmente sentido para ele. O "objeto", aqui, olha, escuta e interpreta o "sujeito" (STENGERS, 2002, p. 178).

## REFERÊNCIAS:

- CASTRO, R. B.. **Uma Experiência de Cartografia Psicossocial - Estudo de caso no município de Guarujá, São Paulo / BR2008**. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Dissertação (Mestrado em Psicologia).
- CUKIERMAN, H.. **Yes, nós temos Pasteur: Manguinhos, Oswaldo Cruz e a História da Ciência no Brasil**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2007.
- GAGE, N.. **Se nós nunca fomos humanos, o que fazer? Entrevista com Donna Haraway, 2012**. Disponível em < <http://www.pontourbe.net/edicao6-traducao> >. Acesso em 23 ago 2014.
- LATOUR, B. **A Esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos escudos científicos**. Bauru, SP : EDUSC, 2001.
- \_\_\_\_\_. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência (2008) In NUNES; ROQUE (Orgs.), 2008, p. 39-62.
- LAW, J.; MOL, A. Situating Technoscience: an Inquiry into Spatialities, 2000. Disponível em < <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/Law-Mol-Situating-Technoscience.pdf> > Acesso em 05 mai 2015.
- MARINOFF, L. **Mais Platão, Menos Prozac: a filosofia aplicada ao cotidiano** (7ª Ed) Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MATURANA, H. **Cognição, Ciência e Vida Cotidiana**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- MOL, A.. Política Ontológica. Algumas ideias e várias perguntas. In NUNES; ROQUE, (Orgs.), 2008, p. 63-77.
- NEWMAN; HOLZMAN. **Lev Vygotsky cientista revolucionário**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- NUNES, J; ROQUE, R (Orgs.) **Objetos Impuros: Experiências em Estudos sobre a Ciência**. Porto: Edições Afrontamento, 2008.
- RHEINGANTZ, P. A.; AZEVEDO, G. A. N.; BRASILEIRO, A. H.; ALCANTARA, D.; QUEIROZ, M. **Observando a Qualidade do Lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009. Livro Eletrônico disponível em <[www.fau.ufrj.br/prolugar](http://www.fau.ufrj.br/prolugar)> Acesso em 06 jun 2012.
- RHEINGANTZ. P. A. De Corpo Presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. São Paulo: NUTAU, 2004.
- SERRES, M. **Luzes: cinco entrevistas com Bruno Latour**. São Paulo: Unimarco, 1999.
- STENGERS, I. **A Invenção das Ciências Modernas**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2002.

TULKU, T. Conhecimento da Liberdade, Tempo de mudança. (2ª Ed.) São Paulo: Instituto Nyingma do Brasil, 1997

VARELA, F. **Sobre a Competência Ética**. Lisboa: Edições 70, 1992

VARELA, F.; THOMPSON, E.; ROSCH, E. **A Mente Incorporada**. Porto Alegre: ARTMED, 2003.